



Fundado no Sesquicentenário da
Batalha do Seival

O GAÚCHO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DO
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE
DO SUL

Brasil 500 anos

Ano 2002

Nº 10

O PRETO CAXIAS - UM SOLDADO CARIOCA DO EXÉRCITO CONSIDERADO O SANTO DE BAGÉ

Cláudio Moreira Bento (*)

Faleceu na Santa Casa de Caridade de Bagé, na gelada madrugada de 01 Jul 1888, um ilustre homem negro, Maximiano Domingos do Espírito Santo, cercado pela dor e pesar dos bagéenses e já imortalizado na memória local por sua excepcional conduta como o Preto Caxias, com sua foto a óleo na Igreja São Sebastião, o santo de sua devoção como carioca de nascimento. Foi sepultado em mausoléu especial mandado erigir pela Santa Casa com o seguinte epitáfio: **"Humanitário Preto Caxias - passou pela vinda servindo e chorando as desgraças alheias"**.

Hoje para muitos bagéenses ele é considerado um santo, o santo de Bagé, a quem muitos recorrem para alcançar uma graça e esperam que ele interceda junto a sua devoção em vida, o santo guerreiro São Sebastião, padroeiro de Bagé, sua terra adotiva e de sua terra natal o Rio de Janeiro. Passou a ser chamado Preto Caxias como uma homenagem às virtudes do Barão de Caxias, sob cujas ordens ele serviu na Revolução Farroupilha, e por haver sido, segundo Eurico Jacinto Sales na História de Bagé: "Um bom, autoridade forte conciliadora e justa, sem haver jamais abusado do poder em sua função policial."

Em Caxias impressionara sobremodo o Preto Caxias, freqüentador da Igreja São Sebastião, onde mostrava com orgulho a faixa de Marechal de Campo que o barão doara à Igreja depois da missa que ali mandou celebrar depois da Paz de Ponche Verde, pela alma dos que tombaram na Revolução Farroupilha.

Antes Caxias mandara o seu 8º Batalhão de Fuzileiros guarnecer a abandonada Bagé, de Nov 1844 a 05 Set 1845, por cerca de 10 meses.

E assim ele entendia, com razão, que Caxias passou a ter uma ligação especial com Bagé. E tinha consciência de que fora o Pacificador que colocara Bagé no caminho do progresso, interrompido pela Revolução para, a seguir, como Presidente da Província do Rio Grande do Sul, decretar a elevação de Bagé à vila e a município e à freguesia em 1846.

E a seguir, tendo como seu cabo eleitoral o Ten Cel Osório, que para Bagé ele destacara em 1846 com o seu heróico 2º Regimento de Cavalaria Ligeira, obter ali expressiva votação para ele poder ser senador vitalício pelo Rio Grande do Sul, o que se verificou por cerca de 30 anos.

O Preto Caxias assistiu o Pacificador passar por Bagé em 1851, a caminho de Santana, para comandar o Exército Imperial na Guerra contra Oribe e Rosas e dali levar consigo, para a ativa, o injustiçado e heróico Capitão Luís Emílio Mallet que há 20 anos ali se dedicava a atividades pecuárias e também a produzir telhas e tijolos no Quebracho para construir o casario de Bagé.

E finalmente assistiu o então Marquês de Caxias pernoitar em Bagé em outubro de 1865, como integrante da comitiva de Dom Pedro II que retornava de Uruguaiana onde presidira a rendição do invasor paraguaio.

E com orgulho lembrava o pioneirismo de Caxias ao conceder liberdade aos lanceiros farrapos incorporando-os como livres à Cavalaria Ligeira do Rio Grande do Sul e inclusive no 2º RC que, ao comando de Osório, aquartelou em Bagé depois da Revolução e ajudou a reerguê-la, depois de abandonada na revolução. E de tanta veneração a Caxias e correção no exercício de função policial, e por passar aos visitantes da Igreja a biografia do Pacificador, passou a ser conhecido como Preto Caxias. E tanta foi a sua dedicação ao exercício da caridade cristã que, em reconhecimento, recebeu em vida a entronização de seu retrato a óleo no consistório da Igreja São Sebastião de Bagé em 1877.

Foi uma excepcional homenagem prestada em vida aos 67 anos a um negro carioca, ex-soldado do Exército Imperial, homem do povo, pobre, humilde, com uma vida plena de altruísmo, e benfeitoria à humanidade. Ao morrer o Preto Caxias o jornalista Jorge Reis, em seu elogio fúnebre ressaltou, em artigo na imprensa:

"Raro encontrar-se nestes tempos de egoísmo, misérias, vaidade e ostentação um homem com caráter como o do preto Caxias, que abrigue tantas e tão raras qualidades".

Seu singelo túmulo possui duas mãos entrelaçadas, uma branca e outra preta, apertando-se fraternalmente, com o seguinte símbolo segundo ainda o citado historiador Eurico Jacinto Sales em sua História de Bagé:

"A caridade e as boas ações não constituem privilégio de raças ou cores, de quem possui bens naturais. Praticam-na as almas piedosas que possuem a exata noção da necessidade dos seus semelhantes!"

Visitamos seu túmulo em agosto de 2002 e constatamos uma enorme quantidade de placas com ex-votos por graças alcançadas pelos filhos de Bagé, o local cheio de vestígios de grande quantidade de velas derretidas e ao lado da notável sepultura do bravo defensor do Império Silva Tavares que o Antônio Neto venceu no combate do Seival em 10 Set 1836.

Mas quem foi o Preto Caxias?

Ele nasceu escravo no Rio de Janeiro, por volta de 1810 e foi batizado com o nome de Maximiano Domingos do Espírito Santo. Por volta de 1831, em decorrência das lutas fratricidas que ameaçavam transformar o Brasil numa colcha de retalhos, ele ingressou no Exército e, em conseqüência passou a ser livre, pois o Exército não podia ter escravos como soldados.

E por cerca de 15 anos ele serviu ao Exército e, inclusive, de 1843 a Nov 1845 integrou a Ala esquerda do Exército de Caxias, baseada em Canguçu ao comando do Ten Cel Francisco Pedro de Abreu, o Moringue, e como integrante do 8º Batalhão de Fuzileiros ao comando do Cel Graduado Francisco Félix da Fonseca Pereira Pinto.

E foi integrando este Batalhão que o soldado Maximiano Domingos do Espírito Santo chegou a Bagé em Nov 1844, aos 34 anos, tendo seu comandante atribuições, por cerca de 10 meses, das funções de comandante militar e administrador civil da castrense Bagé, que seria elevada à vila 9 meses mais tarde por Caxias.

Ali, com seus companheiros do 8º Batalhão, que Caxias mandara guarnecer a abandonada Bagé, de Nov 1844 a Set 1845 começaram a lhe dar formato. Em 1847 obteve baixa do Exército e passou a residir em Bagé.

Inicialmente foi policial, função que exerceu de modo exemplar, com grande espírito de justiça e equilíbrio, evitando prisões injustas e orientando a vida dos faltosos a trilharem o caminho do bem. Tornou-se conhecido, muito confiável e respeitado e sempre pautando o exercício de sua autoridade inspirado nas ações de seu modelo o então Barão de Caxias. E foi daí que começou a ser chamado Preto Caxias.

O 8º Btl Fzo fora organizado em Santa Catarina em 1837. Quando da Proclamação da República como 7º BC desde 1870, aquartelava no Mosteiro de Santo Antônio, no Largo da Carioca e teve destacada atuação neste evento, conforme abordamos em ***O Exército na Proclamação da***

República. Rio de Janeiro: SENAI, 1989. Com a Reforma de 1908 do Marechal Hermes, passou a ser o 1º RI do Rio de Janeiro o atual Batalhão Sampaio da Vila Militar, segundo o Arquivo do Exército em Exército Brasileiro. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1938.

Em 1870, ao final da Guerra do Paraguai e já sexagenário, o Preto Caxias passou a exercer com extraordinária dedicação e capacidade de trabalho as funções de zelador, enfermeiro, transportador e consolador dos doentes do Hospital de Caridade, então fundado pelo baiano médico militar Albano de Souza, pai de José Albano de Souza (Zeca Albano), que como médico prático humanaríssimo, consagrou sua vida à saúde dos canguçuenses e mereceu de nossa parte a crônica "*Meu tipo inesquecível*", sendo imortalizado em nome de rua onde se situa o Hospital de Caridade. E em Bagé Zeca Albano muito aprendeu até os 18 anos com o Preto Caxias no Hospital fundado pelo pai.

O Hospital de Caridade, junto com o Preto Caxias, passou em 1883 ao patrimônio da Santa Casa, então criada. E ali ele morreria depois de 18 anos de excepcionais serviços dedicados aos sem fortuna. Felizmente não viveu para ver a sua terra adotiva - Bagé, ser atingida pela tragédia que sobre a cidade e município se abateu na cruel luta fratricida na Guerra Civil de 1893-95, em que a cidade esteve sitiada por 42 dias por federalistas. E no interior do município, em 28 Nov 1893, teve lugar em Rio Negro (Hulha Negra atual), o cruel massacre da Cavalaria Civil republicana, que estava a serviço do governos Estadual e Federal, por mercenários platinos, estes a serviço de federalistas.

Tomamos conhecimento do Preto Caxias através de Tarcísio Taborda, que nos forneceu dados para constar em nosso livro **O Negro e descendentes na Sociedade do Rio Grande do Sul** (Porto Alegre: IEL, 1975). Trabalho premiado em 1º lugar em Concurso Nacional no Biênio da Imigração e Colonização do RGS. Mas a publicação premiada foi editada pela metade e deixada de lado a parte referente a presença do negro na literatura gaúcha e, com ela, o Preto Caxias, que ora trago à luz.

(x) Presidente do Instituto de História e Tradições do RGS